



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante
almoço com empresários integrantes do Grupo de Líderes Empresariais**

São Paulo-SP, 24 de outubro de 2005

Quero saudar os empresários do Lide,
Quero saudar os novos e futuros sócios,
Quero saudar os empresários e as empresárias aqui presentes,
Os deputados,
Senadores,

Como a nominata é muito grande, eu peço desculpas, para não precisar citar todos os nomes das pessoas que estão presentes aqui, até porque muitas já foram citadas,

Queria começar com uma informação do Furlan que, ultimamente, tem me dado notícias positivas: ontem, o acumulado de 12 meses da nossa balança comercial chegou a 114 bilhões, com o superávit positivo de 41.882. Nós estamos dizendo isso porque quando chegar a 120 nós vamos tomar um champanhe, merecidamente, no Brasil.

Segundo, a gentileza que foi feita hoje, porque em todos os encontros que vocês fazem, normalmente nas pesquisas tem perguntas sobre o governo. E, normalmente, o governo toma “cacete” nessas perguntas. E hoje, talvez pela minha presença, essa pergunta não apareceu. E eu me lembro que eu fui na convenção do PCdoB, na sexta-feira, e eu terminei dizendo isso. Falaram tão bem do governo que eu sai e disse: bom, eu vou sair para vocês poderem falar o que vocês pensam do governo.

Mas é gratificante poder participar de um encontro como este, quando nós estamos aqui, com um grupo de empresários, lembrando a primeira vez



que Viviane Senna foi a Brasília, com um grupo de empresários, me comunicar essa ação que iria fazer no estado de Pernambuco, por coincidência o meu estado. E, hoje, foi importante a gente ver um pouco do resultado do que a ação de vocês já fez naquela região.

Todos nós que estamos, hoje, participando deste almoço, temos consciência do enorme desafio que é construir um Brasil melhor para todos. A contribuição que o empresariado e suas entidades têm dado nesse sentido é inestimável. É sempre alentador ver os resultados da mobilização cívica e da articulação de iniciativas entre a sociedade e o Estado brasileiro.

Muitos de vocês, por exemplo, participam do Movimento Nacional pela Cidadania e Solidariedade ou têm acompanhado os seus trabalhos. Em agosto de 2004, durante o lançamento da Primeira Semana Nacional pela Cidadania e Solidariedade, no Parlatino, aqui em São Paulo, propus a criação de um prêmio para estimular o cumprimento dos oito objetivos do Desenvolvimento do Milênio no nosso país. A adesão foi imediata. Entidades empresariais e organizações da sociedade civil, além do Programa de Desenvolvimento das Nações Unidas – Pnud, fizeram dessa idéia uma realidade.

Como vocês sabem, lançamos o prêmio em agosto passado, em Belo Horizonte, e as inscrições foram encerradas agora, em outubro. Pois bem, quero anunciar a vocês que recebemos mais de 900 inscrições de prefeituras, organizações públicas e do setor privado, associações da sociedade civil, fundações e universidades públicas e particulares, além de inscrições de pessoas físicas indicadas por suas relevantes contribuições ao cumprimento das Metas do Milênio no nosso país. São experiências inovadoras, criativas, exemplares, tanto do ponto de vista do conteúdo como da qualidade do gerenciamento, demonstrando o quanto nosso país está e pode se engajar nesse processo.

No próximo dia 14 de dezembro, em Brasília, vamos anunciar os vencedores e homenagear todos os participantes que representam um Brasil



fortemente comprometido com a educação, a saúde, a erradicação da pobreza extrema, entre outros desafios do desenvolvimento. Este é só um exemplo, mas quero citar também a participação da iniciativa privada e da sociedade civil no programa Fome Zero e no Bolsa Família, que têm sido, como vocês sabem, muito acima da expectativa porque chegaremos, agora em dezembro, atendendo a oito milhões e 700 mil famílias e, o que é mais importante, mais do que o dinheiro, é a condicionalidade de colocar os filhos na escola.

Foi com grande satisfação que tomei conhecimento de que a educação e a capacitação de crianças e de jovens seriam o nosso tema neste almoço. Quero lhes dizer que 2005 está sendo um ano muito importante para a educação no Brasil. No plano do ensino superior retomamos a expansão e a interiorização da oferta em 36 novos pólos universitários, estando previsto um investimento da ordem de 230 milhões de reais.

É importante lembrar, nesse caso, que nós estaremos anunciando, ou melhor, começando já o vestibular, este ano, para quatro novas universidades federais, uma no ABC, uma no Mato Grosso do Sul, uma na Bahia e outra no Rio Grande do Sul. Estaremos também, já fazendo vestibular, para no ano que vem já ter aula em 32 novas extensões de universidades federais para o interior, para que a gente possa levar braços da universidade para regiões mais pobres do nosso país. Vou dar um exemplo aqui, o Vale do Mucuri, em Minas Gerais, o Vale do Jequitinhonha, em Minas Gerais, Serra Talhada, em Pernambuco, e tantos outros lugares mais pobres.

E da mesma forma, simultaneamente matriculamos, neste ano letivo, 112 mil alunos de baixa renda como bolsistas de instituições particulares através do ProUni, ampliando, de forma inédita, o acesso da juventude mais carente à universidade. Eu quero dizer para vocês que isso aqui, para mim, foi a grata surpresa, porque depois de anos e anos discutindo como aumentar o número de alunos fazendo universidade, já que o Estado não tinha os recursos necessários para fazer as obras da universidade e já que tínhamos problemas



para ocupar vagas nas federais por conta, muitas vezes, de divergências do corporativismo de preencher horários que estavam vazios, o Ministério da Educação – idéia do Tarso Genro e do Fernando Haddad – estabeleceu convênio com as universidades particulares, fazendo isenções de alguns impostos. O equivalente às isenções foi transformado em vagas e, no primeiro ano, este ano, nós tivemos 112 mil alunos a mais, normalmente jovens de escola pública da periferia que teriam pouca chance de chegar à universidade. Já fizemos o Enem este ano e, se Deus quiser, poderemos chegar a 100 ou 112 mil novas vagas este ano, o que pode nos dar a possibilidade de, nos próximos três anos, com o ano de 2005, chegarmos a 460 mil novos alunos com bolsas via ProUni, das universidades particulares, e chegarmos a mais 360 mil alunos nas federais e nas extensões que estamos fazendo, o que significa um salto extraordinário para a formação superior no nosso país.

Mas também não é só isso. Também estamos implementando o Sistema Nacional de Avaliação do Ensino Superior e apresentamos à sociedade, após amplo debate, um projeto de reforma universitária que vai preparar as universidades brasileiras para o século XXI. Aqui, vocês sabem, uma coisa grave. Eu fui à China em maio do ano passado, muitos de vocês foram comigo, e lá tive a oportunidade de visitar a universidade. Lá, eu pelo menos, descobri que as universidades trabalham em parceria com as empresas e muitas das invenções, das descobertas, são financiadas pelas empresas, e depois a universidade cria, as empresas produzem e o país ganha. Aqui, no Brasil, nós passamos anos e anos para convencer as universidades brasileiras que elas poderiam trabalhar em parceria com empresas, produzir inventos para que as empresas transformassem isso em produto, em dinheiro, em riqueza e, muitas vezes, era difícil, porque algumas pessoas querem fazer as suas teses, para ter a tese, e não querem transformar aquilo num produto.

Eu acho que nós estamos avançando no sentido de garantir que a universidade brasileira possa dar uma grande contribuição para que a gente



possa ter uma progressão tecnológica de novos produtos, novos materiais, muito grande.

No plano da educação profissional, retomamos a expansão da rede federal e lançamos três programas: o Projovem, o Proeja, e o Escola de Fábrica. Esses programas, eles são importantes, porque nós estamos lidando com uma parcela da população que está, eu diria, no fio da navalha, ou seja, são jovens entre 15 e 24 anos que, por qualquer razão, tinham parado de estudar e nós estamos oferecendo uma bolsa entre 100 e 150 reais para que esses jovens voltem a terminar a 8ª série, voltem a fazer o segundo grau e, em alguns casos, eles prestarão serviço à comunidade, no caso do Projovem. Em outros casos esse jovem estará, como o Escola de Fábrica, onde 500 empresas se associaram ao Ministério da Educação para que, no local de trabalho, esse jovem possa aprender.

E com isso nós estamos incluindo praticamente 980 mil jovens em idade de risco, para que eles possam ter a oportunidade de voltar a estudar. Essa é a faixa mais delicada que nós temos que tratar com mais carinho, porque se ele já pendeu para o lado da navalha, nós vamos ter que fazer um esforço dobrado para convencê-lo a voltar a estudar. O resultado até agora tem sido extraordinário.

E a nossa primeira experiência foi com o Soldado Cidadão, em que 30 mil jovens recrutados, além do limite que o exército recrutava, foram colocados não apenas para ter noção de disciplina de hierarquia, mas também para aprender uma profissão dentro das Forças Armadas. Eles aprenderam a ser eletricitistas, a ser encanadores, a trabalhar com informática, ou seja, foi uma experiência riquíssima que nós queremos repetir este ano, porque para mim tem uma coisa sagrada em tudo isso, que é o problema da desagregação da estrutura da família no Brasil, da sociedade, que se a gente não consertar, tudo o mais ficará perdido.

Na educação continuada, o Brasil Alfabetizado, essa é outra experiência



riquíssima, possibilita ao jovem ou adulto não apenas se alfabetizar, mas avançar nos estudos e deixar as estatísticas de analfabetismo funcional, cobrindo pelo menos as quatro séries iniciais do ensino fundamental.

Por fim, o mais importante, a educação básica. Propusemos ao Congresso Nacional três projetos fundamentais para o futuro da educação no nosso país. Aqui eu queria parar um pouquinho, antes de falar dos projetos e dizer que eu fui ao Rio de Janeiro, no sábado, numa parceria entre o MEC o Sesi e a Firjan participar da entrega de diploma para 40 mil pessoas que estavam sendo alfabetizadas.

Todos nós sabemos que, no Brasil, muitas vezes os cursos de alfabetização eram aqueles cursinhos da quantidade que disse a Viviane Senna, ou seja, quem é que consegue alfabetizar mais rapidamente o aluno. Então, tinha um que fazia em oito semanas, o outro queria fazer em sete, o método tal podia fazer em seis, ou seja, nós paramos com isso. E resolvemos entre seis e oito meses alfabetizar, porque não basta ensinar a pessoa a desenhar o nome. O que nós queremos é que a pessoa se prepare para fazer o ensino fundamental. E na diplomação que eu fui, no sábado, nós temos, dos alfabetizados no ano passado, cinco mil terminaram a quarta série. Inclusive, no Brasil, de vez em quando, nós arrumamos polêmica onde não tem polêmica: por que alfabetizar velho? Por que não só criança? Por que cuidar de velho? Como se a pessoa, depois de uma certa idade, depois dos 60, não tivesse que ser alfabetizada.

Eu vi um depoimento de uma senhora de 94 anos que fez um discurso. Ela foi alfabetizada o ano passado, terminou a 4ª série este ano. E ela disse: Presidente, o meu sonho, mesmo, é ser doutora. Ora, como é que pode você ficar dizendo se essa mulher pode ou não pode? Cabe a nós dar as condições para ela ser a doutora, se estiver viva até lá, e Deus queira. O nome dela é Maria das Dores e eu mudei para Maria das Esperanças, porque eu nunca vi ninguém tão otimista, aos 94 anos de idade. Eu que vejo tantos amigos meus



empresários, políticos, com 50, já achando que a vida acabou. Uma mulher com 94 achando que a vida está começando, foi uma coisa extraordinária.

Eu acho que nós resolvemos qualificar melhor a alfabetização. Ou seja, as pessoas têm que ser alfabetizadas na perspectiva de ter continuidade e até chegar a 8ª série ou ao ensino médio, pelo menos.

Mas eu estava falando dos três projetos fundamentais para o futuro da educação no Brasil: primeiro, que amplia para nove anos a etapa do ensino obrigatório; segundo, que incentiva a formação inicial e continuada de professores; e terceiro, a PEC que cria o Fundeb, destinando 4 bilhões e 300 milhões de reais para toda a educação básica, da pré-escola ao ensino médio. Este último, e nós esperamos, os nossos queridos deputados e senadores que estão aqui, este é um programa de extrema importância para o Brasil e a gente não pode deixar para votá-lo no ano que vem, ele precisa ser votado este ano, para que a gente possa, já na discussão do orçamento, colocar o primeiro 1 bilhão e 300 milhões que têm que entrar este ano. Senão, vai ficar para 2007, é mais um ano perdido que nós vamos ter no país.

Paralelamente, estamos cadastrando, pelo censo escolar, aluno por aluno da escola básica, atribuindo-lhes uma identidade estudantil e, a partir daí, acompanhando seu desempenho, por meio da aplicação de exames específicos, e de sua frequência escolar. Aí é um dado importante, que eu não sei se vocês sabem. Eu tive a oportunidade de ter filho na escola pública, filho na escola particular, tive a oportunidade um dia de visitar, em Vila Velha, a Escola do Bradesco – está aqui o Cipriano – e uma coisa que sempre me inquietou é por que uma escola daquela poderia dar qualidade de ensino que dava a custo infinitamente mais barato do que a escola pública? Isso é uma inquietude que toma conta do meu pensamento o tempo inteiro. Porque toda vez que você discute com os educadores tem sempre uma explicação, o custo do Estado, porque tem a aposentadoria, porque tem um monte de coisas que talvez a escola não tem, que eu acho que tem a mesma coisa.



O dado concreto e objetivo é que a Viviane matou a charada. No Brasil priorizou-se a quantidade e a qualidade ficou num segundo plano. E por que priorizou-se a quantidade? Primeiro, porque é importante que esteja todo mundo na escola; segundo, porque são dados que servem como referência a organismos internacionais para dizer: olha, o Brasil está isso, o Brasil tem 99% das crianças nas escolas, sem medir se as crianças estão aprendendo ou não. O Fernando Haddad sabe de uma polêmica que eu tenho com ele e com todo mundo da educação, que eu, por exemplo, acho que as crianças têm que fazer prova todo mês. Não é possível que o professor não queira saber como é que está o seu aluno no final do mês, no final de 30 dias de aula. Pois bem, nós agora vamos fazer uma coisa, uma inovação. Mas agora, eu vou ler, aqui, depois, nós ao invés de ficarmos com a progressão continuada, que alguns adotaram, deixa a criança ir, vai passando o ano, todo o ano, passa. Quando tiver um vestibular é que a gente vai saber se essa criança aprendeu ou não. Aí vai o Ministro da educação nas universidades dizer: as crianças não estão aprendendo. Ora, não vai descobrir que eles não estão aprendendo na universidade, tem que descobrir que eles não estão aprendendo é no ensino fundamental. Por isso é que nós estamos aumentando para nove anos. Para começar toda criança ter a pré-escola, porque essa repetência que a Viviane mostrou aí, os estudos do MEC mostram claramente que as crianças que freqüentam a pré-escola, quando entram na escola têm muito mais chance de progredir do que uma criança que entra diretamente aos sete anos na escola.

Então, nós vamos fazer com que a pré-escola, com o Fundeb, faça parte da nova idade das crianças para a escola, para ver se a gente consegue melhorar. Alguns querem que a gente diminua para seis, mas continue como oito. Nós queremos diminuir para seis e aumentar para nove, para garantir mais tempo das crianças na escola.

E eu acho que agora vai ter uma novidade que eu acho importante, Viviane, que é importante você saber. No ano passado eu participei das



Olimpíadas, da apresentação de um grupo de jovens que estavam fazendo as Olimpíadas da Matemática de escolas particulares de vários lugares do Brasil. E na época eu disse ao ministro Tarso Genro: por que não tentar fazer uma olimpíada da Matemática na escola pública? Aí tem sempre aquele que diz: “Não vamos fazer porque as crianças não vão se interessar.” Pois bem, nós abrimos as inscrições para as Olimpíadas e, para a nossa alegria, 12 milhões de estudantes se inscreveram para participar das Olimpíadas da Matemática. Veja que o país que tem mais crianças inscritas, os Estados Unidos, tem nove milhões, nós tivemos 12 milhões de crianças inscritas para participar das Olimpíadas. E vamos aplicar cerca de 5 milhões e 500 mil provas a todos os alunos da 4ª e 8ª séries. Antigamente era feito por amostragem. Você queria saber como é que vai a escola pública no Brasil, você fazia uma amostragem.

Nós, agora, vamos pegar 5 milhões e 500 mil alunos, vamos dar prova a todos os alunos da 4ª série e da 8ª séries. Nós já aplicamos 2 milhões e 200 mil aos alunos da 3ª série e do nível médio.

O que nós queremos com isso? Nós queremos ter uma radiografia da qualidade da escola em cada município, em cada estado, porque vira e mexe você encontra um prefeito, e o prefeito fala: “A escola da minha cidade é maravilhosa.” Aí você encontra com o governador e ele fala: “A escola do meu estado, a pública, a que o Estado é responsável, é maravilhosa.” Aí você pergunta para ele: escuta aqui, o teu filho está estudando na escola boa, de qualidade? “Não”. Nem prefeito, nem governador, a verdade é essa, depois de elogiarem sistematicamente as suas escolas, você pergunta onde que os filhos estão, os filhos estão nas particulares.

Então, o que nós queremos é ter uma avaliação para saber de cada estado, cada cidade, cada escola, inclusive porque às vezes o problema não é do aluno, às vezes o problema é do professor.

Um dia me disseram o seguinte: se alguém dá uma explicação uma vez e a pessoa que ouviu não entendeu, a pessoa que não ouviu precisa ouvir



outra vez, porque não está apto a entender. Você explicou a segunda vez, aquela pessoa não entendeu, a pessoa não está apta ainda. Você tem que ensinar a terceira vez. Se você falou a terceira vez e a pessoa não entendeu, quem tem que aprender é quem está falando, então nós precisamos ter consciência que essas provas vão ser uma pequena revolução na educação brasileira, porque a gente vai ter um mapa claro de cada região do país e de cada escola do país, para que a gente possa cuidar melhor da qualidade, dito aqui pela Viviane Senna.

Pela primeira vez, todos os secretários estaduais e municipais de educação terão uma radiografia, escola por escola, dos seus sistemas de educação e as condições de localizar e disseminar boas práticas pedagógicas e gerenciais, bem como de corrigir as deficiências identificadas. Tudo isso é, sem dúvida, excepcional, mas há muito mais a fazer.

O Brasil já enfrentou grandes desafios e quando toda a sociedade abraçou uma causa, ela se concretizou de maneira sólida, chamando a atenção do mundo para o que aqui se passava. O nosso país, contudo, tem diante de si, talvez o seu mais importante desafio que ainda o impede de se colocar entre as nações desenvolvidas do planeta. E o desafio é a educação.

O que se fez até agora – tanto o governo federal quanto os estaduais e municipais – por muito que seja, ainda não basta. A sociedade precisa tomar para si a bandeira da educação e exigir de todos nós, e de si mesma, uma nova e definitiva mobilização.

Isso só será possível se todas as classes sociais, todos os grupos, religiões, etnias, todos, enfim, incorporarem a educação como valor absoluto, tanto quanto a democracia e o desenvolvimento sustentável.

Nós precisamos nos apaixonar pela educação e essa paixão há de durar 20 anos, pelo menos, pois a experiência internacional demonstra que é no curso de uma geração, e não antes, que os resultados começam a aparecer de forma sólida.



Assim como hoje lamentamos não ter feito há duas décadas aquilo que devíamos, o Brasil não pode daqui a 20 anos olhar para trás e lamentar novamente o que deixou de fazer. Essa causa não pode ser a causa de um partido, de um governo, de um Ministério. Ela só se realizará se for uma causa comum de toda a sociedade.

É por isso que precisamos, quem sabe de forma embrionária, sair desses debates com a necessidade de entender a construção de um grande pacto nacional pró-educação.

Da minha parte, que quero dizer que o nosso Ministro da Educação terá a tarefa de participar de tantas quantas reuniões forem necessárias, com tantos quantos segmentos da sociedade forem necessários, na construção desse pacto, convidando todos os segmentos da sociedade, convidando sindicatos dos empresários, de trabalhadores, igrejas, ONGs, movimentos sociais, juventude, para que a gente possa assumir um compromisso definitivo para a educação no Brasil.

Tenho certeza de que a sociedade brasileira está preparada para dar esse salto de qualidade, conduzindo o nosso país ao pleno desenvolvimento sustentável.

Aqui, Viviane, uma coisa importante: no núcleo estratégico foram feitas muitas pesquisas, pesquisas com os mais diferentes setores da sociedade, desde trabalhadores rurais a cientistas, desde empresários grandes a empresários pequenos, desde trabalhadores qualificados a empresários não qualificados, e só tem uma unanimidade no Brasil, hoje só existe uma unanimidade no Brasil. Todos esses segmentos envolvidos na pesquisa chegaram à conclusão de que para construirmos o Brasil que estamos prometendo desde que aqui Cabral pôs os pés, nós precisamos investir na educação de qualidade. E educação de qualidade significa mais investimento do Estado, significa mais controle da qualidade feita pelo Estado, significa maior participação da sociedade. E o exemplo, Viviane, mostrado por você aqui



é o exemplo de que cada um de nós já aprendeu, nesses anos todos, de que nós não temos o direito de ficar esperando que alguém faça por nós aquilo que nós mesmos podemos fazer.

O mundo está cheio de bons exemplos, e nós podemos ser mais um país a dar exemplo de que nós poderemos entrar no rol dos países desenvolvidos.

Do ponto de vista da economia, nós podemos ter um ou outro setor que reclama que o menor mal... afinal de contas, nem todo mundo precisa ser corintiano, palmeirense, sãopaulino ou santista, como Aloizio Mercadante, tem outras opções, tem até Flamengo e Vasco. No mundo da economia, as coisas estão andando bem. Todo mundo sabe o que está acontecendo no Brasil, um chora um pouquinho mais de câmbio, outro chora um pouquinho menos. Tudo isso nós vamos levando e eu acho que todo mundo sabe que há muito tempo, na história deste país, a gente não tinha uma combinação de fatores tão positivos como nós temos hoje.

O que a gente precisa agora é dar os outros saltos de qualidade que precisamos dar, e a educação, certamente, dentre todos eles, não pode mais esperar.

Muito obrigado.